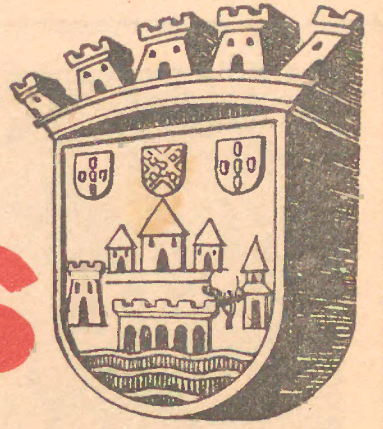


Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

O MUNDO EM PORTUGAL

Por A. ROCHA MARTINS

AS Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante Navegador, para além do sentido transcendente e patriótico que ressurgiu um passado glorioso, tiveram o condão de fazer estar presente em Portugal o Mundo, sentindo a grandeza da História dum Povo, homenageando um Herói que preparou um universalismo imperial e consagrando o prestígio duma Nação — Portugal — que não descurando o Presente e rasgando horizontes claros e seguros ao Futuro, não esquece, pelo sentido docente que encerra, o Passado de glória que nossos Maiores construíram para sempre.

Curioso notar-se, porém, que a glória imarcescível do Infante D. Henrique — essa figura tão grande que parece lendária — não é apenas portuguesa, mas, ao contrário, projecta-se pelo Mundo e é centro da Idade Moderna, que tem grandeza e sentido em razão do extraordinário empreendimento do Infante de Sagres. Por isso, o Mundo esteve presente em Portugal!

Perante esse panorama de grandeza impressionante e verdadeiro deslumbramento, todos os portugueses puderam, sem dificuldade, verificar o enorme prestígio da Nação Portuguesa perante o Mundo. Não fôra esse prestígio, esse apuro moral, essa lealdade de processos, e não seria possível assistirmos a tão impressionante demonstração de solidariedade.

O Mundo esteve presente em Portugal!

Todos pudemos ver e ouvir o que pensam de nós, e, neste facto, não pode ficar esquecido. Há uma lição profunda que precisamos de aprender de tudo isto.

Já basta de críticas fáceis e apressadas. Nós portugueses temos de nos convencer que só nos diminuimos sempre que atacamos o que é nosso.

Há quem pense que é possível fazer tudo num dia. Loucural! A obra que se há-de impor no futuro, com sentido de eternidade, precisa de ser convenientemente alicerçada. Este trabalho, porém, não se compadece com pressas nem com exigências dos que só reparam no que imediatamente lhes fere os sentidos.

Para além duma obra, por trás do que os nossos olhos vêem, há que surpreender um trabalho de meditação, de inteligência, de energia e constância que possibilita a realização do que virá a ser glória do futuro.

Perante as Comemorações Henriquinas, em que Portugal se esmerou no culto da tradição e dos valores que o engrandeceram, todos temos que aprender. As palavras desassombradas do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil são por demais expressivas e demonstram bem o apreço em que é tido o País, os seus Governantes e essa figura extraordinária de Estadista eminente — Professor Oliveira Salazar.

Ouvimos discursos empolgantes em que, para além do encómio que o ambiente e as circunstâncias proporcionavam, se intuiu a análise, a observação ao que fomos e ao que somos presentemente. E, neste capítulo, ouvimos afirmações que sendo expressões de justiça, eram ao mesmo tempo cativantes. Os olhos dos portugueses puderam deslumbrar-se — que de deslumbramento se tratava — perante esse espectáculo surpreendente amalgamado por quantos, de todos os recantos do Mundo, vieram até nós comungar fraternalmente os mesmos anseios de glorificação do Infante Navegador, redizendo mais uma vez o universalismo do Infante.

Lógicamente se pressupõe uma Nação bem organizada, altamente cotada no Estrangeiro, para que tudo isto fosse possível. De aí concluímos para uma lição e incitamento à unidade nacional, ao pensamento comum de trabalharmos todos pelo bem da Pátria, certos de que « todos não somos demais para continuar Portugal ».

As Louças de Barcelos ou um esclarecimento

TENHO acompanhado com todo o interesse a série de notas — As Louças de Barcelos — que M. vai publicando.

É um interesse de mera e muito simples curiosidade: o ângulo pelo qual são encarados os problemas, tenho que o declarar em abono da verdade, nunca me apaixonaram.

Tenho uma ideia formada sobre o assunto; consegui satisfazer plenamente a minha curiosidade pelo aspecto etnológico do centro humano implantado nesta zona do concelho.

Mas M. chama-me à liça, e diz que discordo da junção dos industriais, acusando-a de anti-social e anti-económica.

Se M. diz isto é por eu o ter escrito; se eu o escrevi é porque o pensava. Não duvido: continuo a pensar assim.

Respeito muito as palavras do Snr. Secretário de Estado do Comércio e faço-lhe a justiça — que M. lhe não faz — de julgar que o seu pensamento se referia não às muito pequenas indústrias, como estas, de carácter caseiro e popular.

O erro de M. reside exactamente em lhe dar outro carácter e outro sentido.

Imaginemos, por hipótese, que a amplitude da indústria se enquadrava no âmbito do pensamento do Snr. Secretário de Estado, que, volto a afirmar, não é o caso.

Desde a constituição Política ao Estatuto do Trabalho Nacional à Doutrina Social da Igreja, tudo é claramente oposto a essa junção, por ser directamente oposto à criação e fomento das plutocracias.

As pequenas, como as médias, indústrias, são dignas do maior carinho, pois não só são sustentáculo moral e financeiro das famílias, como elemento de equilíbrio social, e elemento, também, do que se chama espírito de iniciativa.

Eu sei, ou calculo ou imagino o que possa estar no espírito de M.

Se ele me dissesse que esta indústria — local e popular — deveria estar regida não pelos diplomas que regulamentam o grémio a que está implícita, mas que deveria usufruir da protecção que diplomas espe-

(Continua na página 5)

Na peregrinação anual do Arciprestado de Barcelos a Nossa Senhora da Franqueira incorporaram-se milhares de fiéis

A devoção dos barcelenses por Nossa Senhora da Franqueira é quase milenária.

Podemos dizer que o culto da Padroeira dos barcelenses nasceu com a fundação da nossa nacionalidade.

Atribui-se a Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, a edificação da primitiva ermida que hoje forma a capela-mór.

As obras no Monte da Franqueira, são relativamente modernas e não há dúvida que foi depois do início dessas obras que o culto da Virgem da Franqueira começou de novo a envolver todos os barcelenses.

No Santuário de Nossa Senhora da Franqueira cele-

bra-se agora, todos os domingos, missa e nos meses da Primavera e do Verão podemos dizer, que todos os dias, da cidade ou do nosso vasto concelho e até de muitos concelhos vizinhos, nunca faltam peregrinos ou devotos.

E só assim se explica que as homenagens a Nossa Senhora da Franqueira na nossa vetusta colegiada e a peregrinação anual do Arciprestado de Barcelos, apesar das muitas dezenas de famílias barcelenses que por este tempo estão ausentes, constituam sempre grandiosas manifestações de fé cristã e devoção mariana.

Na Igreja Matriz

Durante a semana, na Igreja Matriz, todos os dias de manhã

O Infante D. Henrique e os seus colaboradores

Pelo DR. FERREIRA BARROSO

É frequente, na comemoração de qualquer facto, indicar somente a figura mais notável, olvidando-se outras que, embora pertencentes a uma classe inferior, o seu esforço para a efectivação da empresa foi da maior importância. Assim é, tratando-se dos Descobrimientos marítimos no século XV; o papel primordial pertenceu indubitavelmente ao Infante de Sagres, que com a sua excepcional tenacidade, com o seu espírito empreendedor e realizador, soube concretizar o que então estava no pensamento dos portugueses; a sua obra foi por isso notabilíssima.

Não é, porém, justo deixar de mencionar os seus colaboradores, alguns de tão ilustre estirpe, como eram seus irmãos, o Infante D. Pedro, príncipe possuidor de rara erudição que, nas suas viagens pela Itália, então centro importante das ciências náuticas, sendo os marinheiros genoveses e venezianos os melhores nesse tempo, obteve conhecimentos importantíssimos que, certamente, não podiam deixar de influir no espírito de D. Henrique. O próprio Infante D. Afonso, conde de Barcelos, acompanhando o pai e os infantes D. Pedro, D. Duarte e D. Henrique na expedição a Ceuta para a conquista desta importante cidade, facto imprescindível para a nossa expansão para o Sul, foi o primeiro a desembarcar e em cuja conquista tanto se notabilizou.

Há outros, posto que de descendência mais humilde, muito concorreram com os seus conhecimentos náuticos, como foram os cartógrafos, os astrónomos e os matemáticos, para a organização do plano que o Infante concebeu.

E não foi de menor valor para a execução de tão grande empreendimento em benefício da Nação e da própria Humanidade, a coragem, a perícia e a audácia dos seus valorosos

(Continua na página 2)



Externato Alcaides de Faria

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 48 (Casa do Barco)

BARCELOS

EDUCAÇÃO DE MENINAS

CURSO DOS LICEUS

Matrículas de 1 a 10 de Setembro

houve missa da comunhão geral e à noite novena em honra da Virgem da Franqueira, Padroeira dos barcelenses.

E de manhã ou à noite, a nossa Igreja Paroquial, o maior templo da cidade, esteve sempre completamente cheio.

Na quinta feira à noite, para conclusão da novena, principiou um tríduo solene em honra de Nossa Senhora.

Foi prègador desse tríduo o distinto orador sagrado Reverendo António Carvalho Guimarães, de Vila Nova de Famalicão que se ouviu com muito agrado mas, o primeiro sermão, por doença do prègador, foi feito, com grande eloquência e brilhantismo, pelo Rev. Alberto da Rocha Martins.

No sábado à tarde estiveram diversos confessores a atender os numerosos fiéis e à noite, findo o sermão, houve a consagração das crianças de Barcelos a Nossa Senhora da Franqueira e a terna cerimónia da oferta da flor.

A Peregrinação

Às nove horas em ponto safu da Igreja Matriz, para regressar de novo ao seu Santuário, erguido no sagrado e histórico Monte da Franqueira, o andor que conduzia a Padroeira dos barcelenses.

A abrir a peregrinação, a Cruz da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, logo seguida da Confraria de Nossa Senhora do Terço e duma larga representação da freguesia de Abade do Neiva com as crianças das cruzadas, organismos da Acção Católica, Confrarias e Associações de Piedade com os seus estandartes.

Depois, dirigidas pelos respectivos párocos, com as crianças das cruzadas, organismos da Acção Católica, Confrarias e Associações de Piedade que se faziam acompanhar das respectivas insígnias e bandeiras, as representações das freguesias de Vila Boa-S. João, Alvelos, Rio Covo-St.^a Eugénia, Arcozelo, Manhente, Gamil, Vila Frescaíña-S. Pedro, Silva, Perelhal, Mariz e Vila Frescaíña-S. Martinho.

À saída da Igreja Matriz da peregrinação, dirigida pelos Revs. Prior de Barcelos, Padre Alfredo Rocha e Arcipreste, Padre Rodrigo Novais, atroaram os ares, grande número de foguetes.

Logo que a peregrinação atravessou o meio da ponte, em Barcelinhos, houve repiques festivos e subiram ao ar muitas girândolas de foguetes.

Uma larga representação barcelinense, dirigida pelo seu pároco e constituída pelas crianças das Cruzadas, organismos da Acção Católica, Confrarias e Associações de Piedade incorporou-se na peregrinação.

Seguidamente, as Confrarias da nossa cidade.

À frente do andor de Nossa Senhora, a bandeira e irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira que também empunhavam lanternas, alguns anjinhos e numerosos penitentes a cumprirem promessas; atrás, mesários da Confraria e grande número de fiéis.

A Rua Miguel Miranda, estava coberta com um monumental e artístico tapete, confeccionado com serrim, colorido com as cores de Barcelos — vermelho e amarelo.

As janelas e sacadas estavam ornamentadas com lindas colgaduras e, à passagem do andor, foram lançadas pétalas de flores naturais.

Em Carvalhal, juntou-se à peregrinação a grande representação da freguesia e em frente à igreja, o fundo duma grande coroa suspensa, abriu-se, para inundar de flores a imagem de Nossa Senhora.

Foram queimados muitos foguetes.

A chegada da peregrinação ao Senhor da Fonte da Vida foi assinalada com muitas girândolas de foguetes e aí, incorporaram-se grandes representações, chefiados pelos respectivos párocos das freguesias de Milhazes, Chorento, Gueral, Maciei-

Missa Nova

Celebra, no dia 21 de Agosto, na risonha freguesia de Grimancelos, a sua Missa Nova o nosso prezado amigo Reverendo P.^e Manuel Carvalho Araújo, da Ordem dos Franciscanos.

O novo sacerdote, que foi aluno distinto, vem, de novo, à sua terra natal para realizar o acto mais solene da sua vida — cantar a primeira Missa na Igreja em que foi baptizado.

Vai ser uma festa inesquecível!

Ao nóvel sacerdote apresentamos cordeais saudações.

ra, Midões, S. Bento da Várzea, Remelhe, Vila Cova, Cristelo, Gilmonde e Pereira.

A Peregrinação principiou a entrar no terreiro em frente ao Santuário, às 11,15 horas quando o andor de Nossa Senhora, que chegou ao alto do Monte ao meio-dia menos cinco minutos, safu do lugar do Senhor da Fonte da Vida.

No alto da Franqueira

No altar, montado na tribuna levantada junto ao Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, logo que chegou o andor de Nossa Senhora que foi recebido com muitas palmas e vivas, iniciou-se a missa campal, celebrada por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar de Braga.

O Rev. Prior de Barcelos seguiu as cerimónias da Santa Missa com o povo e com a colaboração dum grupo de sacerdotes que cantou durante a mesma.

Na tribuna, tomaram lugar, entre outros convidados, os Senhores:

Dr. Luís Figueiredo, Presidente da Câmara; Dr. Adélio Campos, Presidente da Comissão M. de Turismo; Engenheiro Duarte Carrilho, dos Serviços de Urbanização de Braga; representantes da imprensa local e o Vice-Juiz da Confraria em exercício Snr. Avelino Gomes de Sousa.

Na altura própria o Reverendo Carvalho Guimarães,

O Infante D. Henrique

(Continuação da página 1)

marinheiros. Foram estes que, obedecendo às ordens do Príncipe Navegador, desvendaram os mistérios do Quam e do Mar Tenebroso, desfazendo lendas propositadamente espalhadas pelos Fenícios e pelos Mouros: de que para o Sul era impossível a navegação; que a vida não podia existir; que havia um mar de fogo; que eram frequentes horríveis tempestades, etc.

Trabalho fácil? Não, segundo os cronistas daquele tempo. Os marinheiros, partindo jovens e fortes, regressavam tão envelhecidos que era difícil reconhecê-los, consequência das dificuldades de toda a ordem com que lutaram para vencer e eram marinheiros dos mais experimentados que possuíamos, como eram os marinheiros do Infante. Demais, pode dizer-se que para o bom êxito destas viagens cooperou igualmente a Nação com dinheiro e com os seus filhos, muitos dos quais se sacrificaram pela grandeza da Pátria.

Fala-se em erigir um monumento ao Infante, em Belém. Nada mais justo, como justíssimas serão todas as homenagens que se lhe prestarem, mas não se deve esquecer de, embora simbólicamente, recordar os seus ilustres colaboradores, alguns dos quais sacrificaram a própria vida.

Não é favor, é apenas uma prova de gratidão da Nação que tão dignamente serviram.

Se é importante conceber qualquer ideia nobre, não é menos importante pô-la em prática, se bem que noutra ponto de vista, vencendo por vezes obstáculos que dificilmente podemos imaginar e que era forçoso dominar para alcançar o fim desejado.

O egrégio Infante sofreu e viveu numa ansiedade constante pela realização do seu sonho: atingir outras terras para o Sul do Deserto e para além do Oceano, de cuja existência não duvidava. Era de enorme magnitude o seu plano, cuja realização iniciou e os que lhe sobreviveram tiveram a glória de o concluir. Foi o iniciador duma era nova e duma vida nova para Portugal e para todo o Mundo.

E' conveniente recordar que Portugal, se bem que se encontrasse nessa época, século XV, em condições que se podiam considerar favoráveis a tão ousados empreendimentos, como eram os Descobrimientos, pois dispunha duma marinha já bem organizada desde D. Dinis e de bons marinheiros experimentados em viagens e em lutas com os piratas mouriscos, havia ainda grandes dificuldades a defrontar.

Contudo, vencida a crise de 1383-1385 e assegurada a nossa independência com a brilhante vitória em Aljubarrota, o fervor religioso, que aquecia o coração de todos os Portugueses, não consentia que permanecêssemos inactivos perante as constantes ameaças do Islamismo, dominando toda a orla africana e obstando assim à nossa expansão religiosa e económica.

Faltava quem, com o seu saber de experiências e informações obtido e dotado de grande poder de iniciativa, preparasse tão grandioso acontecimento e orientasse aqueles que deviam realizá-lo. Esta foi a obra dos colaboradores e aquela a acção do imortal Infante.

E' raro, que um facto importante, ou qualquer invenção seja consequência do esforço dum só homem, mas sim de vários, quer contemporâneos e de nacionalidades até diferentes, quer dos seus antecessores que nesse sentido deram os primeiros passos.

Parece-me, portanto, que todo o serviço prestado, sobretudo à Pátria, deve ser recompensado e recordado ainda que proporcionalmente ao esforço de cada um. Teria seguido o Infante D. Henrique só com o seu génio profético e rara ciência o seu objectivo, sem a erudita cooperação dos astrónomos e cartógrafos e sem a intrépida colaboração dos seus audazes marinheiros?

7.8-960

que prègou o tríduo solene na Igreja Matriz, fez uma brilhante prática em que exaltou a fé dos barcelenses pela Virgem da Franqueira.

Finda a celebração da Santa Missa, o Senhor Bispo Auxiliar também proferiu uma pequena mas brilhante alocução para pôr em relevo a devoção e fé do povo barcelense pela Virgem Santíssima, Padroeira de Portugal.

No Santuário da Virgem da Franqueira, três sacerdotes distribuíram a Sagrada Comunhão a centenas de fiéis.

De tarde houve recitação do Terço, sorteio de 50 terços pelos Irmãos da Confraria e procissão eucarística em volta do Santuário.

Presidiu à procissão o Reverendo Luís Mariz de Oli-

veira, pároco de Pereira que no final, na tribuna, deu a bênção do SS. Sacramento.

O Rev. Prior de Barcelos, dirigiu, com a colaboração do povo, os cânticos, as invocações e homenagens à Virgem da Franqueira.

As cerimónias terminaram com a apoteose a Nossa Senhora prestada pelos milhares de peregrinos que no domingo subiram à montanha sagrada e histórica da Franqueira.

Como é habitual, a peregrinação anual do nosso arcipreste e as várias cerimónias religiosas prestadas em honra e louvor da Virgem da Franqueira decorreram sempre na melhor ordem e com a maior unção e fervor religioso.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 82318

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — As Snr.^{as} D. Maria do Carmo Pais de Azevedo Fonseca Matos Graça e D. Arminda Silva Júnior e o menino Joaquim Matos de Macedo Gayo.

Amanhã — A Sr.^a D. Maria Júlia da Costa Vasconcelos Bandeira e Lemos Pimenta do Vale, os Snrs. Dr. Mário Augusto Viana de Queirós, António Dias da Silva Martins e João Henrique de Castro Lima e a menina Maria Luísa dos Santos Beleza Braga.

Sábado — A Sr.^a D. Maria do Carmo Ribeiro Lima de Azevedo Fonseca.

Domingo — O Snr. António Dias Pereira.

Segunda — A Sr.^a D. Maria Antonieta Fernandes Rodrigues, o Snr. Fernando Duarte Figueiredo, a menina Isabel Maria Beleza Ferraz Torres e os meninos Jorge Eduardo Lemos da Silva Corrêa e José Carlos Pontes de Albuquerque Faria.

Terça — O Snr. João Cardoso de Albuquerque e os meninos Eduardo José de Sousa Martins Soares e Jorge Emiliano Vasconcelos dos Santos.

Quarta — A Sr.^a D. Ester Alçada Guimarães e o Senhor Virgílio Gomes Lobarinhas.

Manuel Monteiro de Carvalho
MÉDICO

Consultório: Campo 5 de Outubro, 14

Consultas das 15 às 18 horas

Telefones | Consultório 82325
Residência 82609

BARCELOS

Baptizado

Na Igreja Matriz, no passado domingo, baptizou-se um filhinho do nosso estimado amigo Snr. Manuel Elias da Costa Lima e da Snr.^a D. Célia Ester Pereira da Costa.

Recebeu o nome de Domingos Manuel e foram padrinhos a Sr.^a D. Clara Faria Pimenta de Castro e o Snr. Domingos da Costa Faria Machado Ribeiro.

Acampamento Internacional «Infante D. Henrique»

No Acampamento Internacional Infante D. Henrique, no Vale do Jamor, organizado pela Mocidade Portuguesa em homenagem à figura do Príncipe Navegador, encontram-se os filiados da ala de Barcelos da M. P., Comandante de Bandeira Mário Eugénio Fernandes da Silva, do Centro Escolar N.º 1 (Externato D. António Barroso) e Comandante de Castelo José Boaventura Simões Negrão, do Centro Escolar N.º 2 (Escola Industrial e Comercial de Barcelos).

Farmácia de serviço

Encontra-se de serviço permanente no próximo domingo a farmácia LAMELA, na Rua D. António Barroso.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Mocidade Portuguesa Feminina

Para assistirem à inauguração do Padrão dos descobrimentos e ao desfile de quatro mil tripulantes das marinhas de guerra de quatorze nações, estiveram em Lisboa as filiações da Mocidade Portuguesa de Barcelos, meninas Maria José Gonçalves, Maria Filipa Marinho Macedo Correia e Maria Guilhermina Lemos da Silva Corrêa.

Partiram da cidade de Braga na manhã do dia 8 do corrente, juntamente com 33 filiações daquela cidade e regressaram na quinta-feira, dia 11.

—)(—

Nascimento

Na Casa de Saúde de Barcelos, a Sr.^a D. Olívia de Jesus Pereira da Costa, esposa do nosso prezado amigo Sr. Fernando da Silva Galiza Carneiro, deu à luz uma interessante menina.

Os nossos parabéns.

Escola Técnica

Todos os alunos que frequentaram a Escola já podem fazer a inscrição da sua matrícula.

A Secretaria funciona todos os dias úteis das 9,30 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas, com excepção ao sábado que funciona de manhã desde as 9,30 às 13 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Leia JORNAL DE BARCELOS

Vilar de Frades

E O SEU PASSADO

EM tudo o que é contingente, exerce o tempo o seu poder destrutivo. Grandes civilizações se apagaram da memória dos povos, e outras houve de cuja existência não podemos duvidar, por nos terem ficado certos indícios do seu antigo fulgor; e tudo isto porque o tempo sobrevoou-as, implacável. É ele, até, a única criatura sem «respeitos humanos», que a ninguém poupa e por nenhuma outra é vencido.

Pois Vilar de Frades já foi grande, e bem grande. Hoje... é quase desconhecida; nem sequer o próprio Turismo se interessa eficientemente por valorizá-la como merecia. É este o fado das grandes coisas...

I—Os Marqueses de S. Bento

Há quem defenda que a evangelização da península hispânica data dos tempos apostólicos. Fala-se de Santiago de Compostela, até da vinda de S. Paulo à Espanha. Não cabe, porém, no âmbito deste estudo, aprofundar esta questão; bastará, sim, dizer que ela é ainda muito discutida e que tem grandes autoridades de ambas as partes. O que é fora de dúvidas é que quando os Romanos invadiram a península cá encontraram o culto de Atégina, deusa da fecundidade, e do Endovélico — o muito bom — além do culto dos astros, dos animais, rios, montanhas...

POR

Arlindo Torres

Depois, a consequente romanização das terras conquistadas veio favorecer a expansão do cristianismo pelo facto de ter unificado os povos com a comunhão de língua e governo. Seriam, talvez mesmo, os comerciantes romanos os pioneiros da evangelização cristã. O intercâmbio das províncias romanas com a metrópole intensificou-se, e o cristianismo prosperou por então. E certo, também, que os pagãos já pouco acreditavam nos seus ídolos e isto também nos veio favorecer. Assim, o século IV já é um século de plena vitalidade cristã para a península. Bastará, para confirmar esta asserção, ler as actas do concílio de Elvira, o 1.º de que temos notícia.

Com a invasão dos bárbaros lá se foram 5 séculos de trabalhos e canseiras: — revivesce o abjecto paganismo com a sua idolatria passada; a Igreja é espoliada e atacada, e o clero abandona, criminosamente, o rebanho confiado à solicitude do seu ministério; cresce por toda a parte o fervor ariano, trazido pelos Suevos que se fixam na Galiza de então cujos limites descem ao rio Douro.

Estamos nesta crise religiosa quando, no tempo de Chararico, rei dos Suevos cuja capital era Braga, pelos anos de 550-555, aparece na nossa terra um grande luminar da ciência de então e fervoroso apóstolo, natural da Hungria e que fora à Palestina instruir-se nas ciências divinas. A Providência o trouxera, por mar, às nossas praias, para bem do catolicismo local. Chamava-se Martinho, hoje S. Martinho de Dume.

Este valoroso combatente das milícias do Senhor imediatamente tomou conhecimento da situação embaraçosa em que se encontrava a Igreja Bracarense e logo tratou de lhe dar remédio. Foi ele o grande apóstolo dos Suevos. Era necessária uma catequização mais eficiente das verdades da fé, cimentada com o exemplo vivo da caridade cristã. E começou logo o trabalho de fundar conventos e mosteiros. Entre estes se encontra o nosso «convento de S. Salvador de Vilar de Frades dos Marqueses de S. Bento». A data da sua fundação é de 560.

Nesta altura estavam os conventos dotados de grandes quintas onde os monges encontrariam, pelo seu trabalho, tudo o necessário à sua cóngrua sustentação.

(Continua no próximo número)

Externato «D. António Barroso»

(SEXO MASCULINO)

Campo de S. José — Telefone 82511 — BARCELOS

ENSINO MINISTRADO

Curso Primário: Segundo os programas oficiais desde a 1.ª à 4.ª classe e admissão ao Liceu e Escola Técnica.

Curso Liceal: Curso geral dos Liceus (1.º e 2.º ciclos).

Matrículas: Efectuam-se de 31 de Agosto a 14 de Setembro

Alunos internos e Semi-internos — Lar de S. José — Quinta do Rio

Telefone 82582

INFORMAÇÕES — Todos os dias úteis na Secretaria do Externato D. António Barroso ou na Quinta do Rio.



PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANÁLISES
MÁQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipeimar, L.^{da}
Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º - PORTO
Telef. 28095 - Teleg. Guipeimar

Casamento

No templo de Santa Marta, em Braga, a nossa simpática conterrânea Snr.^a D. Maria Teresa Ramos Roriz Pereira, filha querida do nosso prezado amigo Snr. Artur Roriz Pereira e da Snr.^a D. Júlia Gonçalves Ramos Roriz Pereira consorciou-se com o Snr. Rui Manuel Sequeira Rodrigues, finalista de Engenharia, filho do industrial bracarense Senhor José Duarte Rodrigues e da Snr.^a D. Maria da Conceição Martins Sequeira Rodrigues, já falecida.

Presidiu à cerimónia o Reverendo Prior de Barcelos, Snr. Padre Alfredo Martins da Rocha que, no momento próprio, dirigiu aos recém-casados uma vibrante e emotiva alocução.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seu irmão Snr. Joaquim Maria Ramos Roriz Pereira e a sua íntima amiga Snr.^a D. Maria Carmem Torres Cruz e do noivo seu irmão Sr. Engenheiro José Sérgio Sequeira Rodrigues e esposa Sr.^a D. Maria Clementina Martins Diogo de Sequeira Rodrigues.

No Hotel Sul Americano do Bom Jesus do Monte, foi servido aos noivos e seus convidados um fino «copo de água», fornecido pela Pastelaria Ferreira Capa, de Braga.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o estrangeiro.

Jornal de Barcelos deseja ao novo lar cristão as maiores felicidades.

Alto-falantes

Para abrilhantar as vossas Festas preferam sempre a Casa

José Fernandes

R. Miguel Miranda, 40 - BARCELINHOS
Telefone 82245
BARCELOS

Fotografia em todos os géneros

AGRADECIMENTO

Missa do 30.º dia

A família de Ana da Graça de Lima Bandeira, vem por este único meio agradecer muito reconhecida, a todas as pessoas que honraram com a sua presença no funeral da saudosa finada, e bem assim a todas aquelas que, de qualquer forma, manifestaram o seu pesar e enviaram condolências.

Celebrando-se na próxima quarta feira - dia 24 - às 8,30 horas, na Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz a missa do trigésimo dia pelo seu eterno descanso, desde já ficam muito gratos a todos os que assistirem a este piedoso acto.

Barcelos, 16 de Agosto de 1960.

Direcção do Distrito Escolar de Braga

AVISO

Avisam-se todos os professores aos quais o assunto interessar que, na Secretaria desta Direcção Escolar, se encontra afixado um edital sobre a organização e funcionamento de um Curso de Especialização de professores para o ensino de surdos-mudos.

São condições para admissão ao respectivo Curso:

a) - Ser diplomado para o magistério primário com a classificação mínima de 15 valores em exame de Estado;

b) - Não ter completado 28 anos antes de 1 de Outubro próximo.

Nesta Direcção prestam-se quaisquer outras informações sobre o assunto.

FALECIMENTO

Na passada quinta-feira, na freguesia de Lijó, faleceu a menina Maria do Lameiro Vale Ferreira, de 8 anos de idade, filha do nosso prezado amigo e assinante Sr. Alexandrino Duarte Ferreira e de sua esposa D. Beatriz da Silva Ferreira Vale e irmã dos meninos David e António Arménio e do estudante do Seminário de Braga Snr. João do Vale Ferreira.

Jornal de Barcelos apresenta as mais sentidas condolências.

De licença

Em gozo de licença, encontra-se na Quinta de Santa Luzia, em Encourados, na companhia de sua esposa e filha, o nosso prezado amigo Snr. Carlos Eduardo Matos Viana Lopes, funcionário da Fazenda Pública em Melgaço.

- Também em gozo de férias, encontra-se o nosso prezado amigo Snr. José da Graça Ribeiro Novo, funcionário superior da Agência de Vila Nova de Famalicão do Banco Nacional Ultramarino.

Vida Desportiva

Campanha de sócios

A nova Direcção do Gil Vicente Futebol Clube iniciou já, e com grande entusiasmo, a campanha dos sócios.

Informam-nos que essa campanha está a decorrer com o maior êxito o que registamos com muita satisfação.

Todos os desportistas barcelenses sabem muito bem quanto árdua e difícil é a tarefa a que meteram ombros os actuais directores do nosso primeiro clube desportivo.

É indispensável portanto que nenhum deles regateie o seu auxílio e colaboração. Mas é também imprescindível que tal auxílio seja firme e constante, real e não apenas de palavras...

O Gil Vicente Futebol Clube regressou de novo à II Divisão. Todos os desportistas e barcelenses fazem votos para que não desça de novo à III Divisão mas, para que tal possa suceder, só com o auxílio de todos...

Futebol

A nova direcção do Gil Vicente fechou já contrato com o competente treinador Janos Szabo e com os jogadores São Pedro, de nacionalidade espanhola, ex-Celta de Vigo e Albano, ex-Atlético de Lisboa.

Sob a orientação do novo treinador, principiaram já no campo Adelino Ribeiro Novo, os treinos com vista à nova época de futebol.

Ciclismo

Na passada segunda feira, passaram nesta cidade os ciclistas da 23.ª Volta a Portugal, etapa Porto - Vila do Conde.

Os desportistas barcelenses que em grande número assistiram à passagem dos ciclistas, vitoriam todos os valerosos estradistas e em especial os dos seus clubes preferidos.

Na nossa cidade, com excepção de dois ou três mais atrasados, os ciclistas passaram em pelotão.

César Ferreira Cardoso

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 - BARCELOS

Grupos Excursionistas

A nossa cidade continua a ser visitada por numerosos grupos excursionistas, especialmente aos domingos, vindos dos mais distantes pontos do país.

Exame de admissão

Fez exame de admissão ao liceu, tendo ficado aprovada, a menina Maria Luísa Carvalho Serra.

Muitos parabéns.

Laboratório de Análises

Dr.^a Maria Fara Padin Brandão

Licenciada em Farmácia

Largo José Novais, 25-2.º - BARCELOS - Telef. 82614

Noticias diversas

Na praia da Póvoa de Varzim, encontram-se a veranear, as Snr.^{as} D. Maria do Carmo Azevedo Fonseca, D. Virgínia Azevedo Mimoso, D. Violante Cardoso de Albuquerque e os nossos prezados amigos Snrs.: Dr. José Teotónio de Azevedo Fonseca, António Luís de Azevedo Fonseca, Padre Francisco Castilho e Miguel Pais de Matos Graça e família.

- Em Moledo do Minho, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo Snr. Dr. José da Fonseca, de Caminha.

- Na praia do Furadouro, em Ovar, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo Snr. José Teixeira de Castro, guarda-livros da agência de Barcelos do Banco Nacional Ultramarino.

- Na praia de Âncora, com sua família, o nosso prezado amigo Snr. Eduardo António da Silva.

- Na praia de Fão, na companhia de suas filhas, a Snr.^a D. Lia Sena Brito Miranda.

Feliz aniversário

Do nosso prezado amigo e assinante Snr. Eduardo Lopes Ferreira Barbosa recebemos a quantia de 40\$00 para distribuir pelos nossos pobres, em comemoração do 31.º aniversário do seu casamento com a Snr.^a D. Maria Elisa Lopes Rothes Barbosa, ocorrido na pretérita segunda feira e para o bom êxito duma operação a que vai submeter-se.

Os nossos agradecimentos em nome dos contemplados, com votos para que tão feliz aniversário se repita ainda por longos anos e a operação decorra com o maior êxito.

Boa medida

No Largo do Tanque, em Barcelinhos, em frente ao Monumento ao Bombeiro e no entroncamento junto do mercado municipal, por determinação camarária, foram colocados polícias sinaleiros.

Aplaudimos tão acertada medida, muito especialmente nos dois primeiros locais cuja ausência de sinaleiros, como várias vezes notamos, constituía um grave perigo.

Nesta cidade

A descansar, ou a passar as férias, encontram-se nesta cidade numerosos forasteiros.

Queimaduras

contra todas as queimaduras
USE QUEIMAX
em casa, no campo ou na praia

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 82598

EDITAL

Alfredo Teixeira da Costa Pereira, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial, faz saber que:

PIRES & VAZ, L.^{da}, requereu licença para instalar uma fábrica de serração de madeiras, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, no lugar de Telheiras, freguesia de Necessidades, concelho de Barcelos, distrito de Braga, confrontando do norte e poente com Agostinho Pires, sul com António da Silva Sousa, e nascente com António Costa Fernandes e Agostinho Pires.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste edital, podem, todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 22.161, nesta Circunscrição, com sede no Porto, Rua dos Braços, n.º 61.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 28 de Julho de 1960.

Pelo Engenheiro Chefe da Circunscrição,
Alberto de Serpa Ferrão Rebelo

NOVA ALFAMATARIA

DE
MARIO VIEIRA
Ex-Empregado do Snr. Eduardo António
Av. Dr. Oliveira Salazar, 24 - 1.º
BARCELOS
(Junto à Casa Sialal)

A Fátima e Lisboa

Em 12, 13, 14, 15 e 16 de Setembro visitando: Porto, Oliveira de Azevedo (La Salette), Curia, Luso, Bucaco, Coimbra, Leiria, Batalha, Fátima, Santarém, Vila Franca de Xira, Lisboa, Estoril (Boca do Inferno), Sintra, Mafra, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Alcobaça, Nazaré, Figueira da Foz, Aveiro, Espinho (Santa Maria Adelaide), Póvoa de Varzim, etc.

Preços populares

Não quebre a sua cabeça à procura de um presente.

Visite a

Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Quem neste jornal anuncia...
...o seu negócio amplia

A LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuação da página 6)

volvidos, aumentou a barafunda que o impressionava! Destacamos, absolutamente ao acaso, à laia de exemplo, determinada emenda, transcrevendo o que disse *certa folha da tarde*: «Referem de Braga que na freguesia do Lago, concelho de Amares, deu-se hontem à noite uma grave desordem. Referem que... deu-se — nunca se escreveu em português lídimo: é brasileiro puro. Digamos: *referem que se deu*». Acentuada vantagem resultaria, desfazendo dúvidas vulgares, se existisse, nas colunas dos jornais, «secção», idêntica, orientada por pessoa especializada. A sua crítica procuraria, como objectivo final, impedir o abastardamento da «Língua». Um escritor, versado nos clássicos, censurando Ruy Barbosa, *Mestre dos mestres*, tachou de incorrecta a expressão «forcejando pela realizar». Isto passou-se há 50 anos. Pois bem: o ilustre professor, Mário Barreto, apresentou, em defesa do acusado, trinta e sete casos iguais, obtidos nas obras de Camões, Padre Manuel Bernardes, Frei Luís de Sousa, Castilho, Rebelo da Silva, Camilo... Seguiram-se outros pesquisadores, e a lista, foi sempre aumentando. Segundo os entendidos, lavra autêntico descalabro, atingindo bastantes pessoas relativamente cultas, quanto à «Pontuação e Análise Sintáctica». A pedido do considerado Professor da Universidade de Coimbra, Doutor Paiva Boléo, o antigo professor dos Liceus da Metrópole e do Ultramar, dr. Jaime Rebelo, reeditou (1957) um trabalho apreciável. Justificando o seu reaparecimento, esclarece que *os alunos, na sua maioria, saem das escolas, não só elementares, mas até secundárias, sem saber pontuar conscientemente, e daí as deficiências que, nesse particular, se notam em obras e artigos de muitas pessoas que tiraram cursos superiores*.

Fão, Agosto de 1960.

REDIGIR Religião e Literatura

(Continuação da página 6)

a pessoa, reprovávamos os erros. «Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele.»

Mas, censurando os muitos erros patentes que vieram à feira literária, lamentamos sinceramente o dissabor causado ao Ilustre Colega Sr. Dr. Azevedo Pinto. É que era Obra de Misericórdia espiritual prevenir a «Mocidade que passa», e vai passando, a ver exemplos que não são literários, nem se devem imitar.

(Entre várias gramáticas que regulam a pontuação, veja-se «Epítome da Gramática de Português destinado ao 1.º Ciclo dos Liceus, Lix.ª, F. Franco, por F. J. Martins Sequeira, ed. de 1938, pág. 194, § 484).

Quanto a anedotas do Eça de Queirós, também sabemos uma que não é dele, sobre uso da pontuação, e já lá vão mais de 60 anos:

Mouzinho de Albuquerque, herói de Chaimite e aprensor do rei Gungunhana, sabia fazer seus relatórios, quando esteve em Moçambique. O que não sabia era pôr a pontuação bem. Mas tinha um amigo de certa perícia para o assunto, a quem mandava os rascunhos. Duma vez (se não foi sempre), fez um relatório, e no fim pôs uma linha toda com vírgulas, outra inteira com pontos e vírgulas, outra completa com dois pontos, etc., etc.

Depois de tudo isto, escreveu por baixo isto:

Distribua.

O Eça do *Essa de Queirós* (assim é que se devia escrever o nome de Eça de Queiroz) não seguiu o rumo do grande herói Mouzinho de Albuquerque (Major Joaquim M. de Albuquerque).

A N. de R. aposta ao fim da carta do Sr. Dr. Azevedo Pinto diz que este senhor não deve deixar de colaborar. Nós também dizemos o mesmo, e até apreciamos a poesia do Prezado Colega, que às vezes não peca em pontuação. Agora dizer que «só porque outro colaborador, com autoridade ou sem ela, se propôs discordar da pontuação (nós é que sublinhamos), é que objectamos só isto:

Quando é que apareceu quem nos negasse autoridade no assunto? Por enquanto, ainda estamos com a autoridade toda.

Continuará.

Zé do Vale do Neiva

(Continuação da página 6)

natureza educativa pede-se mais severidade neste ponto.

Outros escritores há de bom fôlego católico que assentam os romances em teses falsas, condenadas pela Igreja, como é frequente com o divórcio. Alguns até supõem que para o êxito dum livro não há como ser ele atingido pelo *Índice Expurgatório*.

Com pessoas tenho falado que medem o valor dum livro precisamente por aquilo que constitui uma traição à arte, uma traição ao romance como sejam as *piadas* e o escândalo — velho chamariz para atrair leitores.

Eça de Queirós bem o sabia e assim o declarou em carta particular a Ramalho Ortigão.

É pena vermos as coisas deste modo. É pena que o romancista não se imponha aos leitores — ou não tenha outros méritos para se impor — sem ser desse modo. Um modelo acabado têmo-lo em Aquilino Ribeiro que conquistou as simpatias dos burgueses não pelos méritos de estilista como merecia, mas por aquilo que não constitui qualidades de algum escritor.

BOBINAGENS
DE

Motores Eléctricos

Domingos de Jesus Ferreira
Residência: Rua Faria Barbosa, 26
BARCELOS

Quem neste jornal anuncia...
...o seu negócio amplia

As Louças de Barcelos ou um esclarecimento

(Continuação da página 1)

ciais conferem às indústrias caseiras em regime familiar... outro galo cantaria.

O erro, o fundamental e gravíssimo erro, foi tirar, ou pretender tirar a indústria do âmbito em que se formou, e lhe deu fama em outros tempos.

Esse erro, acrescido da natural e inevitável evolução dos tempos, modificação dos estados culturais, foi a causa deste beco em que M. se debate.

Não misturemos alhos com bogalhos, nem indústrias populares com outras.

As louças de Barcelos sofrem exactamente de uma forçada transformação que lhe pretenderam dar, transformação, modificação a que M. não é, com outros, estranho e talvez em parte tenha sido responsável.

Fora de Lisboa e sem ter à mão documentos legais em que me fundamente, peço, entre mais, pela deficiência de citações.

O interesse que, como problema local, me tem, desde sempre, movido, leva-me a desfazer o engano em que M. labora a meu respeito, ou, melhor, à ideia pessoal sobre o assunto.

Mas fixemos em definitivo um ponto: o interesse meu reside, ou residiu, na simples e comesinha curiosidade que me despertou o centro etnológico das olarias de Barcelos.

Tudo quanto não seja sob este ângulo — da cultura popular — para mim é grego.

As coisas da indústria para os industriais; as da cultura popular para os etnólogos; as sociais para os sociólogos.

Eu sou um *curijidoso* e nada mais: e o mais avesso possível a agitar seja o que for.

O centro popular, como popular, foi chão que deu uvas.

Há coisas mais fortes do que a força humana: o rodar dos tempos, a troca das culturas e a difusão das civilizações.

E é tudo quanto deste ri-paço e repouso de Lodeiros posso dizer.

S. P.

Máquinas de costura em 2.º mão

Também tenho máquina ZIG-ZAG «OLIVA» secretária de — uma gaveta, NOVA — vendo com desconto.

Fernando Valério de Carvalho
Av. Combatentes G. Guerra, 158
Telefone 82583 — BARCELOS

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 82345

Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

Publicações

(Continuação da página 6)

neste estudo que podemos considerar pequenas sínteses, do pensamento do nosso povo.

Felicitemos o ilustre Autor e oxalá continui a dar-nos destes trabalhos para que tem manifesta vocação.

D. Nuno Paes de Faria ou O Casamento de Dois Finados

Por M. B.

O escritor Manuel de Boaventura é, sem dúvida, um benemérito das Letras. Orientando a publicação da novela «D. Nuno Paes de Faria ou O Casamento de Dois Finados», de autor quase desconhecido, por intermédio da Livraria Liz de Barcelos, Manuel de Boaventura mostrou, mais uma vez, o seu interesse pelos problemas literários, dando à estampa um romancinho muito agradável.

A edição é muito graciosa e a novela, de sabor romântico, lê-se com muito agrado.

Almanaque de Santo António — 1961

A Editorial Franciscana, de Braga, já publicou o «Almanaque de Santo António» para 1961. Trata-se, como é sabido, de um dos melhores Almanques que em Portugal se publicam. Pelos assuntos que trata, pela variedade dos assuntos, pelo sabor humorístico, pelos poemas e contos, impõe-se e torna-se preferido por todos os portugueses. Organizado pelo ilustre membro da Ordem Franciscana Rev. António Macedo, o «Almanaque de Santo António» é um valioso auxiliar da cultura e da formação moral.

Felicitemos a Editorial Franciscana e o organizador do Almanaque. Oxalá que o público saiba corresponder.

A. Rocha Martino

COLCHÕES MOLAFLEX

10 anos de garantia
provam a sua eficiência

**MÓVEIS
TELES**



BARCELOS

Visado pela Comissão de Censura

A NORTENHA

\$

**VENDE
COMPRA
HIPOTECA**

Jorge POSSUI UMA ORGANIZAÇÃO COMPLETA

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I-25-11 TEL. 26706-30181
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58-TEL. 366781-366812



REDIGIR Publicações

20

DIZIA a carta do Sr. Dr. Azevedo Pinto, publicada em «Jornal de Barcelos» n.º 540, de 7/7/1960: «Há cerca de três anos, e pelo mesmo motivo, apanhei as primeiras «palmatoadas», embora menos violentas». *Palmatoadas?* Não será hiperbólica esta palavra?

Nós vimos, em certa data (mas não foi neste jornal; e aqui é que devia ser), lemos noutra folha que houvera outrora quem no gabara para literato, etc., etc. Nós lemos então, e percebemos aonde queria chegar, mas não se aproximou tanto do vale do Cávado, e menos do Vale do Neiva.

Diz também o mesmo Sr. Doutor que podemos ter muita autoridade, mas que devíamos manter o tom necessário. Ora, quanto ao tom, ele costuma ser sempre o mesmo. E, como se trata de textos e da sua redacção, e não de Música, devemos confessar que desta não sabemos os tons, porque só conhecemos o sinal da clave de sol; e só o verso exigiria Música; a prosa dispensava-a.

Para as pessoas porém conhecemos os modos necessários, graças a Deus, e temos por elas a consideração merecida. E também fizemos sempre o possível por ensinar nossos discípulos sem azedume, e com tanto maior doçura, quanto menor era sua idade. (Quando escrevamos poder falar de cadeira, queríamos significar ser professor; não era falar com arreganhos para ninguém). E até não ocultamos que temos especial simpatia por Colegas Efectivos, hoje tão raros nos liceus, por desgraça de nossos filhos e netos.

Mas não se tratava das pessoas, aliás muito respeitáveis; era só dos textos, a tal mercadoria que veio à feira pública. E desta podemos discordar, quando seja fraca ou má, e podemos recusá-la à vontade.

«Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou:
Uns dizem que ela que é baixa;
Outros, que de alta passou.»

(Isto é anónimo, porque é de toda a gente, como a cantiga da rua).

Quando se não pretende escrever coisa de importância, sobre assunto corrente de pouco valor, pode-se (mas não se deve) descuidar um pouco a fôrma literária; mas, quando se pretende fazer Literatura, escrever obra artística, coisa que possa ficar para modelo à mocidade, temos de ser muito cuidadosos com o que fazemos, porque se educa mais pelo exemplo, do que pelo conselho; o conselho pode convencer; «mas o exemplo arasta.»

E aquilo que mereceu os reparos do *Zé do Vale do Neiva* era «escandaloso exemplo», por ser de Professor. E assinou com todas as letras!

Foi por muitos exemplos tais que nos vimos forçado a «denunciar o escândalo», apesar de se tratar dum Colega muito respeitável, cujos princípios e ideias nos despertam simpatia e apreço. Não feríamos

(Continua na página 5)

Sereia

Por causa dela
Esfacelou-se o barco no rochedo
E o poeta agarrou-se a uma tábuia
Para não se afogar...

— Cantava noite e dia
E o seu cântico
Roia-me as entranhas
Mordia-me o pensamento —

O poeta não tem culpa
Nem a sereia tem culpa
— Cada um cumpre o seu fado
Mau ou bom mas é um fado.

A. Filipe

«Filho Sòzinho» e «Auto da Justiça»

de Francisco Ventura

LEMOS com vivo interesse duas obras dramáticas do escritor Francisco Ventura.

O género literário que cultiva é, indiscutivelmente, difícil. Não se poderá, na verdade, ser alguém, neste género literário, sem uma vocação decidida. Francisco Ventura é, sem dúvida e sem favor, uma brilhante vocação para o teatro.

As duas peças que lemos, para além do estilo cuidado, vivo e gracioso, revelam conceitos que impressionam e apresentam o desenvolvimento consequente duma tese. Na linha de Gil Vicente, Francisco Ventura mostra-se inteiramente conhecedor da psicologia humana e prescrua agudamente os problemas que oprimem e os dramas que angustiam.

«Auto da Justiça» e «Filho Sòzinho» são obras que ficam a impor uma verdadeira vocação teatral.

Aprecia-se, ainda, o carácter popular destas obras, conquanto o brilho literário e a orientação temática dêem aos trabalhos de Francisco Ventura aquilo a que se costuma chamar «altura».

Felicitemos o ilustre escritor e oxalá continui a produzir, neste tão difícil género literário, obras como as que já nos legou.

A Etnografia como Expressão de Valores Humanos

de P.º Benjamim Salgado

REALIZOU-SE no Porto, com desusado brilho, o Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos».

O Rev. P.º Benjamim Salgado, cuja personalidade literária e cultural se tem reafirmado em trabalhos já dados à estampa, publicou, agora, em separata, um bellissimo estudo a que deu o título sugestivo de «A Etnografia como Expressão de Valores Humanos».

Podemos afirmar que se trata de um estudo sério, perfeitamente fundamentado, recheado de dados colhidos pacientemente ao longo da história do nosso povo que trabalha, canta e reza.

O Snr. P.º Benjamim Salgado apresentou um trabalho pleno de valor em que revela a sua profunda cultura, o seu gosto pelas manifestações de arte e a sua notável facilidade de expressão, pois conseguiu dar-nos algumas páginas de fino recorte literário. São inúmeras as quadras populares citadas

(Continua na página 5)

Religião e Literatura

Por A. FILIPE

É condenável, em princípio, a separação que alguns espíritos — chamados *esclarecidos* — apregoam a respeito da religião e da literatura. Mais condenável ainda a atitude daqueles que fazem da literatura cavalo de batalha contra a mesma religião.

O problema põe-se, evidentemente, a respeito do crente, do escritor que vai à missa ao Domingo e se diz católico.

Um das características da nossa época é sem dúvida a perda da fé nas religiões. A religião, qualquer que ela seja, não representa uma esperança. Adopta-se um credo religioso mas não se vive em conformidade com os seus preceitos. É-se tudo ao mesmo tempo: católico e anti-clerical, religioso e materialista.

Explicação disto será o progresso contínuo da técnica e a imobilidade dos conceitos religiosos?

Não nos devotaremos hoje à solução destes problemas.

Insurgimo-nos contra quem se diz católico e toma na prática uma atitude que briga com o mesmo catolicismo.

No campo literário é vulgar esta atitude.

Como a arte e a moral não são nem podem ser totalmente independentes, também a religião e a literatura o não podem ser. O escritor católico não pode deixar de ser católico ao conceber a obra literária.

A culpa, em certo modo, também recai sobre o leitor. Este, mal educado e orientado nos seus gostos literários, dá preferência e propaganda o livro que trasbunda na *gracinha maliciosa* contra os frades e freiras, na *picuinha hilariante* a propósito da religião ou na *anedota vermelha* a respeito das beatas. É este o livro predilecto do burguês, o romance *bestial* dos funcionários e empregados de escritório.

O autor não deveria transigir com estas coisas e o leitor deveria pôr de lado tais livros. Por esta mútua concessão, vê-se o primeiro na necessidade de descer, para granjear público, aos velhos lugares comuns de sempre e o segundo não terá ocasião de pôr de lado o mau gosto das apreciações dos livros.

À crítica cuja função é por

(Continua na página 5)

A LÍNGUA PORTUGUESA

Pelo DR. ARNALDO DE AZEVEDO PINTO

AO contrário do que podem admitir, nunca procurei, estimulado por antipática vaidade, enfeitar-me com *penas de pavão*. Especialmente, na «Pequena Imprensa», numa persistência que ultrapassou 40 anos, tenho procurado ser, sem o mínimo interesse material, um colaborador dedicado. Desprovido de títulos especiais que garantissem a minha perfeição literária, é natural que, nem todas as páginas, parte delas sem a mínima *revisão*, alcançassem a forma devida.

Lamento o defeito grave, e recebo, absolutamente alheio a qualquer melindre, toda a crítica elevada. Aprender até morrer, é a única atitude compreensível, e são, verdadeiramente lamentáveis, os vícios de linguagem, que provam, pelo menos, desleixo digno de censura.

Volta e meia, o que nada espanta, surgem *gralhas* embaraçosas. Prestemos, mesmo assim, justiça aos tipógrafos, humildes e pacientes *paleógrafos*, lutando contra caligrafias indecifráveis... Tudo quanto se faça a favor da integridade da «Língua», o melhor tesouro da Pátria, deve merecer o mais inteiro aplauso. Vai-se resvalando, no relaxamento profundo de costumes, na indiferença absoluta pela escolha de vocábulos. As frases, usadas entre indivíduos de relativa cultura, roçam pela grosseria, camuflando intenções reservadas. O mesclado atrevido de conceitos grotescos, dá a sensação de ter surgido dialecto impenetrável! Num curioso «Prefácio», escrito em 1915, o insigne prosador, dr. Alberto Pinheiro Torres — então, director do jornal portuense a *Liberdade*, lamentou a falta de paladinos da «Língua Portuguesa». Combatendo essa tendência, acentuada e prejudicial, reconheceu que *o que menos se sabe é a nossa língua, hoje tão carregada de estrangeirismos de vocabulário e syntaxe, que já nem parece a mesma*. Dois anos antes, na perspectiva de profunda reforma ortográfica, travavam-se animadas discussões, desciam à liça, escudados no valor dos seus argumentos, os mais destacados elementos da cultura nacional.

Na «Educação Nacional», de 2 de Novembro de 1913, escrevia-se: «Eliminar em certas palavras uma letra é o mesmo que subtrahir a clavícula ao esqueleto humano. A ortografia phonetica é inconsciente e incoherente». Sendo a «Língua» património hereditário, sujeita a influências seculares, a acréscimos constantes, necessita que a protejam, rodeando-a de acrisolado carinho, expurgando-a do parasitismo de adaptações perniciosas. Rica e harmoniosa, susceptível de exprimir, de modo exacto, toda a gama infinita, de pensamentos, representará crime grave, falta imperdoável tentar despojá-la do seu altíssimo significado, esquecendo a sua inconfundível beleza, conspurgando a cristalina origem de que provém. Imortalizada por Camões, Castilho, Herculano, Garrett, Latino Coelho, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, e por tantos outros, num preito que passou de geração a geração, sofre a antipatia, ou o quase total desconhecimento, de avultado número de pessoas.

Já Cândido de Figueiredo, filólogo distintíssimo, lamentava (1893) o desacerto, o «desamôr, com que nos últimos tempos se tem tratado a linguagem portuguesa».

A leitura atenta das suas curiosas «Lições Práticas», dão-nos a inteira e dolorosa impressão de que, alguns anos

(Continua na página 5)